

4.

Discurso acadêmico e metadiscurso

Neste capítulo, enfocaremos o objeto de estudo deste trabalho, isto é, o artigo científico de pesquisa, o qual é considerado como um gênero do discurso acadêmico. Apresentaremos as principais mudanças textuais e retóricas que ocorreram no artigo de pesquisa desde sua origem, no século XVII; os primeiros trabalhos que investigaram sua construção; e a organização geral deste tipo de artigo em quatro seções: Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão. Ainda neste capítulo, o metadiscurso será definido e caracterizado e o modelo de classificação metadiscursiva proposto para esta pesquisa será apresentado.

4.1

O artigo científico de pesquisa

De acordo com a definição de Swales (1990), um artigo de pesquisa é

a written text (although often containing non-verbal elements), usually limited to a few thousand words, that reports on some investigation carried out by its author or authors. In addition, the RA [research article] will usually relate the findings within it to those of others, and may also examine issues of theory and/or methodology. It is to appear or has appeared in a research journal or, less typically, in an edited book-length collection of papers. (Swales, 1990: 93)

O artigo de pesquisa é um importante meio de comunicação entre cientistas, os quais têm como objetivo não só descobrir o conhecimento científico e verificar tal descoberta (DeBakey, 1976: 1), mas também promover-se profissionalmente diante dos colegas de área (Vartalla, 2001: 63). O conhecimento científico é atualmente considerado como socialmente construído (Bazerman, 1988/2001; Myers, 1990), tendo a informação reportada pelo cientista que passar pela observação minuciosa de colegas da comunidade à qual pertence antes de ser aceita como conhecimento científico. Na verdade, antes de ser submetido à crítica da comunidade científica, um artigo de pesquisa geralmente passa pela observação minuciosa de 'juízes científicos', isto é, editores dos periódicos para os quais o pesquisador manda seu trabalho. Tal pesquisador precisa primeiramente convencer esse pequeno público do valor de seu trabalho a fim de que ele seja publicado (Myers, 1985a; 1990).

Provavelmente devido a esse status institucional, o artigo de pesquisa se tornou relativamente convencionalizado na apresentação da informação científica, embora tenha passado por várias mudanças desde sua origem até os dias atuais, como será visto no item 4.1.1, abaixo.

4.1.1 Histórico

O artigo científico de pesquisa teve origem no século XVII. Embora ainda em sua forma embrionária, surgiu na mesma época do aparecimento do primeiro periódico científico, *The Philosophical Transactions of the Royal Society*, em 1665 (Swales, 1990: 110). De acordo com Ard (1983), o gênero do artigo científico se desenvolveu a partir de cartas informativas que cientistas escreviam entre si. À medida que este primeiro periódico e outros subsequentes começaram a assumir o papel de servir como um campo para discussões, a nova situação retórica que surgiu levou à criação de um novo gênero distinto das cartas.

Outro fator que deu forma aos primeiros artigos científicos foi a tradição que existia de publicação de tratados científicos, mais especificamente, com Robert Boyle e seus colegas experimentalistas, na década anterior ao surgimento do primeiro volume do *The Philosophical Transactions*. Tais pesquisadores procuraram transformar afirmações e especulações em conhecimento aceito pelas pessoas em geral (Swales, 1990: 111). Boyle contribuiu bastante para a retórica da ciência: insistiu que as ilustrações que aparecessem nos trabalhos deveriam ser realísticas, exatas e detalhadas; elaborou o que escrevia sobre seus experimentos de forma que o leitor se sentisse encorajado a acreditar no que estava sendo apresentado; ofereceu a seus leitores explicações sobre experimentos anteriores que não tinham sido bem sucedidos; escreveu de forma cautelosa, fazendo grande uso de atenuadores¹; e tentou mostrar que as disputas deveriam ocorrer entre as descobertas e não entre as pessoas. Boyle mostrou que os fatos, na verdade, não falam por si, ou seja, que a descrição da realidade natural não é simplesmente o reflexo da realidade. Junto com seus

¹ Atenuadores são palavras ou expressões utilizadas para diminuir o comprometimento do autor com a informação textual (ver item 4.2.1, deste capítulo).

colaboradores, trabalhou para desenvolver um estilo convincente para o relato de uma pesquisa, ou seja, para tratar a pesquisa retoricamente.

O artigo científico de pesquisa passou por diferentes estágios desde o seu surgimento até o seu formato atual. Importantes estudos históricos têm sido empreendidos em relação ao seu desenvolvimento textual e retórico (Bazerman, 1983a; 1984a; Swales, 1988b; Atkinson, 1999b, entre outros).

Bazerman (1983a) pesquisou o desenvolvimento do periódico *The Philosophical Transactions of the Royal Society* no período de 1665 a 1800. Suas descobertas contribuíram para uma reconfiguração do artigo de pesquisa.

As phenomena began to be treated as more problematic, articles began to take on a different organization, opening with an introduction to the problematic phenomenon, often substantiated with the story of an experiment that did not go as expected. With the problem established, the article would chronologically describe a series of experiments aimed at getting to the bottom of the mystery. Transitions between each two experiments would draw conclusions from the previous experiment and point to the rationale or need for the subsequent one. In the highly developed continuity we see the experimenter gradually come to an adequate understanding of the phenomenon, which would then be pulled together in a concluding synthesis or explanation of the phenomenon, as in Hewson's investigations into the nature of blood. (Bazerman, 1983a: 16-17)

Outro estudo de Bazerman (1984a) investigou o desenvolvimento textual do artigo acadêmico no periódico *Physical Review*, no período de 1893 a 1980. Suas descobertas dizem respeito ao tamanho do artigo, ao uso de referências e material não verbal, e à organização do texto. O tamanho do artigo, no período estudado, tornou-se mais compacto, passando de cerca de 7.000 palavras, em 1893, para 5.000 palavras em 1900, e continuando, assim, daí em diante. As referências, a princípio, eram muito comuns e se concentravam na Introdução dos artigos acadêmicos. A partir de 1910, o número de referências diminuiu consideravelmente, mas as que permaneceram eram recentes, possuíam datas e eram de relevância direta para a pesquisa que estava sendo empreendida.

Por volta dos anos 80, Bazerman constatou que o número de referências aumentou novamente, mas mantiveram relevância específica para o trabalho em questão. As referências passaram a vir distribuídas por todo o artigo, de forma que

cada estágio do documento tenha relação com outros trabalhos anteriores. Na presente pesquisa, as referências estão sendo consideradas como itens metadiscursivos que possuem diferentes funções retóricas (ver Capítulo 4, item 4.2.2.1), sendo encontradas nas quatro seções do artigo acadêmico: Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão.

Quanto às características sintáticas, Bazerman (1984a) descobriu que houve, na língua inglesa, uma diminuição no número de orações relativas e um aumento no número de orações substantivas e orações subordinadas temporais e causais, indicando uma mudança da descrição para a explanação, o que sugere um aumento na complexidade intelectual. No nível lexical, os sujeitos das orações principais tornaram-se, ao longo do período de 87 anos, mais abstratos e houve uma diminuição no uso de verbos de relatar (ex: *Smith reports...*) e aumento dos verbos de ação (ex: *Temperature increases ...*), sugerindo que a descoberta ou teoria foi trazida para uma posição gramatical central, enquanto os cientistas passaram a ter menor destaque, acrescentando, assim, densidade à discussão e integrando o material de fonte à continuidade do argumento (Bazerman, 1984a: 115).

Com relação ao material não verbal, houve uma diminuição no número e tamanho de desenhos, tabelas, etc. Em compensação, houve um aumento no número e na complexidade de gráficos e equações.

Quanto à organização dos artigos de pesquisa discutidos por Bazerman, antes de 1950, apenas cerca de 50% dos artigos eram formalmente divididos em seções. Após esse período, os títulos tornaram-se uma característica comum nas diferentes seções. Além disso, até 1930, quando um artigo era subdividido em seções, a última seção normalmente era a dos Resultados, o que, para Bazerman, implica que as descobertas podiam vir sozinhas, sem maiores comentários. A partir daí, as seções de Discussão e Conclusão não só se tornaram mais comuns, mas também aumentaram em tamanho e complexidade. Por outro lado, o espaço dado à Metodologia diminuiu.

Apesar de ter investigado apenas um periódico, da área hoje chamada de física, Bazerman fez generalizações sobre os artigos acadêmicos em geral, não considerando as diferenças retóricas que possam existir nas diferentes áreas de conhecimento nem em diferentes contextos culturais. Na tentativa de investigar o que

ocorria em outra área, Swales (1988b) analisou artigos nos primeiros 20 anos do periódico *TESOL Quarterly*, a publicação da associação de professores de inglês para falantes de outras línguas (*Teachers of English to Speakers of Other Languages*). Swales descobriu que a média de número de palavras dos artigos foi semelhante à de Bazerman, em física, ou seja, aproximadamente 5.000 palavras, embora o artigo parecesse maior devido ao aumento no uso de material não verbal (principalmente tabelas) e de referências. Houve, ainda, um declínio nas citações a livros e um aumento de citações a trabalhos mais curtos, como artigos, por exemplo. Não houve sinal da tendência ao uso de gráficos que Bazerman notou nos artigos do *Physical Review*. Este resultado pode ser decorrente da diferença entre as áreas disciplinares a que os artigos pertencem. Swales não encontrou evidências de aumento de abstrações lexicais nem investigou características sintáticas.

Uma investigação importante sobre o desenvolvimento retórico do periódico *The Philosophical Transactions* no período de 1675 a 1975 foi empreendido por Atkinson (1999b), o qual afirmou que o material estudado revelou um "declínio da retórica 'centrada no autor'" e uma mudança do discurso envolvido para o discurso informacional. Atkinson observou, ainda, um aumento na retórica "centrada no objeto" e na abstração e passivização do discurso. Segundo o autor, durante três séculos, parece ter ocorrido uma perda de elementos narrativos (ex: narração de como os experimentos foram empreendidos).

Descobertas como essas, apresentadas por Bazerman (1983a e 1984a), Swales (1988b) e Atkinson (1999b), ilustram que o artigo de pesquisa, ao menos em algumas áreas, não tem se mostrado como um gênero estável, mas, ao contrário, tem apresentado mudanças consideráveis ao longo dos séculos. Outras referências a estudos históricos de artigos de pesquisa podem ser encontrados na Figura 2.1 (ver Capítulo 2, item 2.2.2).

4.1.2 Construção

O crescente aumento de interesse pelo gênero discursivo 'artigo acadêmico' levou a estudos sobre como ele é construído, tais como os trabalhos de Latour e Woolgar, 1979; Knorr-Cetina, 1981; e Gilbert e Mulkay, 1984.

O trabalho de Latour e Woolgar (1979) tem como principal preocupação o papel da linguagem no empreendimento científico. Segundo os autores, ao investigarem a linguagem utilizada em um laboratório nos Estados Unidos, os pesquisadores passavam a maior parte do tempo documentando por escrito os acontecimentos, tendo como objetivo contribuir com as pesquisas através da publicação de artigos. O importante não eram as descobertas, mas a competição com outros grupos de pesquisa, o que levava os pesquisadores a adotar uma posição extremamente subjetivista, que considerava que a realidade era o resultado do estabelecimento de uma disputa, que os fatos eram sempre construídos e que as substâncias, mecanismos físicos, etc. não existiam até que tivessem sido identificados. Bazerman (1980) critica essa visão por acreditar que a vida no laboratório combina os fatos com os seus registros.

O trabalho de Knorr-Cetina (1981), por outro lado, preocupa-se mais com processos retóricos. A autora investigou as modificações que ocorriam desde as primeiras anotações até o último rascunho de um artigo de nutrição, produzido em um laboratório nos Estados Unidos. Observou que a história contada no rascunho não reproduzia o que realmente ocorria no laboratório, uma vez que o artigo de pesquisa é um gênero diferente do relato do laboratório, tendo, portanto, suas próprias convenções e padrões de argumentação. A autora observou, ainda, que existia uma grande diferença entre a primeira versão e a versão final do artigo, sendo a última escrita de forma mais cuidadosa. Knorr-Cetina notou, então, uma preocupação retórica do autor tanto na reconstrução de eventos ocorridos no laboratório quanto no longo processo de elaboração da versão final do artigo, o que se justifica pelo fato de o autor precisar considerar o seu possível leitor durante a elaboração de seu texto, como é observado pela própria autora:

The published paper is a multilayered hybrid co-produced by the authors and by members of the audience to which it is directed. (Knorr-Cetina, 1981:106, ênfase original)

A Introdução dos artigos estudados por Knorr-Cetina foi bastante modificada do primeiro rascunho até a versão final. No entanto, a Metodologia permaneceu praticamente igual, uma vez que, na área de biomédicas, diferentemente das ciências sociais e humanas, esta seção caracteriza-se por não apresentar grandes problemas a serem solucionados, questões a serem discutidas ou escolhas a serem feitas (Swales, 1990:120). Como a autora observa,

compared with the relevant work in the laboratory, where the making of selections dominates the scene, the paper offers a curiously residual description, constituted by what is not at stake in the research (such as the brand names of devices, or the origins of a technique) than by what is. (Knorr-Cetina, 1981:115)

As seções dos Resultados e Discussão, nos artigos publicados, também criaram uma realidade diferente daquela observada por Knorr-Cetina no laboratório, uma vez que, neste espaço de trabalho, a divisão retórica em diferentes seções não ocorria. Por exemplo, a autora percebeu que, no laboratório, os Resultados e a Conclusão estavam interligados à Metodologia, uma vez que "as 'construções metodológicas' eram continuamente interpretadas e discutidas" (Swales, 1990: 121). Os pesquisadores do laboratório reconheciam a Metodologia, os Resultados e a Discussão como interdependentes. Na versão publicada, por outro lado, as três seções foram separadas, apresentando, a Metodologia, uma 'listagem de procedimentos', e os Resultados, frases que apresentavam semelhanças e diferenças. A Discussão, por sua vez, passou por um processo comparável ao descrito na Introdução, ou seja, precisou ser reescrita várias vezes até que chegasse à versão final. Nesta última seção, a avaliação praticamente foi extinta e não foram feitas especulações além daquelas previamente esboçadas na seção de abertura. Duas conclusões podem ser tiradas do trabalho de Knorr-Cetina: primeiro, houve um longo processo de construção retórica do rascunho até a versão final; segundo, houve um processo de construção retórica igualmente longo até a publicação do artigo.

A pesquisa de Gilbert e Mulkay (1984) analisa as diferentes formas como cientistas da área de bioquímica descrevem e discutem, ou "constroem e reconstroem" (Gilbert e Mulkay, 1984: 188) os fatos descobertos nos laboratórios em que trabalham, em universidades britânicas e norte-americanas. O relato dos fatos variou de acordo com duas questões. A primeira diz respeito à forma como o pesquisador deveria se posicionar: como alguém que reconhecia a importância do trabalho de outros pesquisadores ou como alguém que devia proteger seu 'investimento' em tempo, equipamento, dinheiro e esforço. A segunda refere-se à forma como o cientista deveria relatar o fato: informalmente, se o relato fosse realizado através de uma entrevista particular com um sociólogo, ou formalmente, caso o relato fosse realizado através da publicação de seu trabalho.

Gilbert e Mulkay consideram que a variabilidade no discurso científico pode ser explicada reconhecendo-se a existência de dois repertórios: o empírico e o contingente (Swales, 1990: 123).

O repertório empírico refere-se ao relato formal, por escrito, dos acontecimentos do laboratório, de forma impessoal e convencionalizada. Exclui, portanto, o envolvimento ou o comprometimento do autor com o que está sendo relatado, seu vínculo social com outros trabalhos ou autores da mesma área, e seus próprios julgamentos sobre a pesquisa em questão. Nas palavras dos autores,

empiricist discourse is organized in a manner which denies its character as an interpretative product and which denies that its author's actions are relevant to its content. (Gilbert e Mulkay, 1984:56)

O repertório contingente, por outro lado, refere-se ao relato do que ocorre com os cientistas quando discutem seus trabalhos informalmente. Nas entrevistas, utilizam um estilo pessoal, se comprometem com trabalhos publicados anteriormente, mostram que fazem parte de um grupo, ou área de conhecimento, e apresentam suas ações e crenças como altamente dependentes de percepções especulativas. Os repertórios empírico e contingente são, respectivamente, o contraste entre o que é escrito e o que realmente acontece no laboratório.

Os três trabalhos mencionados mostram a força das convenções específicas de um gênero, as quais dão forma ao artigo acadêmico. Estas pesquisas mostram que, apesar da divisão convencional do artigo em seções, a pesquisa em si não é dividida em compartimentos; e que, apesar do estilo objetivo do repertório empírico, o artigo de pesquisa não é tão objetivo quanto parece.

4.1.3

Organização geral

Embora vários autores já tenham investigado a macroestrutura dos artigos acadêmicos de pesquisa (Kinneavy, 1971; Hutchins, 1977; Hill et al., 1982, Stanley, 1984; Swales, 1990; Swales e Feak, 1994), optamos, neste trabalho, pelo modelo de organização do artigo de Swales (1990) e Swales e Feak (1994), conhecido como IMRD – Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão – por considerarmos tal modelo canônico, ou representativo e tradicional quanto à organização dos artigos científicos. Além disso, o modelo IMRD apresenta detalhadamente as características e propósitos de cada seção, sendo, portanto, fundamental para esta pesquisa, que investiga, entre outras coisas, a variação no uso do metadiscorso nas diferentes seções do artigo de pesquisa.

De acordo com Adams Smith (1984), as quatro seções do artigo acadêmico de pesquisa desempenham diferentes funções retóricas, exigindo, portanto, o uso de diferentes recursos lingüísticos para realizar essas funções. O autor investigou os comentários feitos por autores em seis artigos de pesquisa de medicina. Descobriu que, na Introdução e na Discussão, os comentários dos autores são introduzidos por verbos modalizadores (*pode, deve*) ou advérbios e adjetivos de probabilidade (*provavelmente, possível*) e por um grande número de 'marcadores de atitude' (*'attitudinal markers'*), tais como advérbios como *surpreendentemente*, entre outros. O trabalho de Adams Smith é de grande importância para esta pesquisa por sugerir que características lingüísticas e retóricas se distribuem de forma diferente pelas quatro seções do artigo de pesquisa. O autor considera a Metodologia e os Resultados como seções 'simples', em oposição à Introdução e à Discussão, que seriam seções mais 'complexas'. Essa conclusão se aproxima dos resultados encontrados no trabalho

de Knorr-Cetina (1981), onde a autora observa que, do primeiro rascunho até a versão final do artigo acadêmico, a Introdução e a Discussão precisam ser reescritas muitas vezes, enquanto a Metodologia e os Resultados permanecem praticamente iguais (ver Capítulo 4, item 4.1.2).

A seguir, serão apresentadas mais detalhadamente, as características inerentes a cada seção dos artigos acadêmicos de pesquisa.

- **Introdução**

A Introdução é considerada a seção mais difícil de se escrever (Swales e Feak, 1994: 173) e tem como objetivo principal fornecer uma base para o trabalho, passando da discussão geral do tópico para a pergunta específica ou hipótese a ser investigada. Seu objetivo secundário é atrair a atenção e o interesse do público leitor para o que será apresentado no trabalho, bem como conseguir aceitação e reconhecimento. (Swales e Feak, 1994: 156). É, portanto, a seção retórica que motiva o estudo, incluindo, normalmente, uma revisão de trabalhos anteriores (West, 1980:486).

Nesta primeira parte do artigo o escritor deve fazer escolhas quanto: (1) à quantidade e ao tipo de conhecimento prévio a ser incluído; (2) à forma como irá se posicionar diante do seu leitor (autoritária ou não); (3) às estratégias que utilizará para atrair sua atenção para o tema; e (4) à forma como irá abordar o tema (direta ou indireta).

Para que se possa alcançar esses objetivos, Swales (1981) e Swales e Feak (1994:175) apresentam três movimentos retóricos (*moves*), que se subdividem em passos, para a introdução dos artigos de pesquisa, que compõem o *CARS Model* (*Create a Research Space*), ou seja, o modelo de criação de um espaço de pesquisa:

1. *Estabelecer um território de pesquisa*

- a) mostrando que a área de pesquisa é importante, central, interessante, problemática ou relevante de algum modo (passo opcional)
- b) introduzindo ou revisando itens de pesquisas anteriores na área (passo obrigatório)

2. *Estabelecer um nicho*, ou seja, um contexto no qual a pesquisa faz sentido.

- a) indicando uma lacuna nas pesquisas anteriores, levantando questões ou acrescentando algo ao conhecimento anterior (passo obrigatório)

3. *Ocupar o nicho*

- a) elaborando objetivos ou mostrando a natureza da atual pesquisa (passo obrigatório)
- b) anunciando as descobertas principais (passo opcional)
- c) indicando a estrutura do artigo de pesquisa (passo opcional)

A Introdução dos artigos de pesquisa também tem sido objeto de estudo de outros autores (ver Capítulo 2, item 2.2.2). Taylor e Chen (1991), por exemplo, fazem uma análise das introduções dos artigos de pesquisa escritos por falantes nativos de inglês escrevendo em sua L1, falantes nativos de chinês escrevendo em inglês, e falantes nativos de chinês escrevendo em sua L1. Concluem que os escritores chineses tendem a se prender mais à sequência básica de quatro partes, ou movimentos retóricos, apresentada por Swales (1981) e Swales e Feak (1994), além de omitirem com maior frequência o movimento de revisão da literatura, i.e., o movimento 2.

Myers (1992a) investiga a frase convencional "In this paper we report ..." (movimento 3, Swales, 1990) utilizada em Introduções, em um corpus de artigos de pesquisa de Genética Molecular, sob a perspectiva da teoria dos atos de fala. O autor faz também um contraste entre textos de Biologia e Lingüística, e conclui que as escolhas por verbos e tempos verbais distintos refletem a forma como o conhecimento é produzido nessas duas áreas. Enquanto pesquisadores de Biologia procuram relatar fatos em seus textos, os de Lingüística buscam persuadir seus leitores a concordar com seus pontos de vista (Myers, 1992a: 305).

- **Metodologia**

A Metodologia é a seção onde o autor descreve, em vários graus de detalhamento, as etapas do trabalho, o material a ser analisado e os procedimentos de análise. É a parte mais curta do artigo de pesquisa (Swales e Feak, 1994: 156).

Costuma ser considerada a parte do texto mais fácil de se escrever e a primeira a ser elaborada pelos autores.

Em Ciências Sociais e Humanas, a Metodologia geralmente é uma questão muito importante e bastante debatida. Em alguns casos, nessas áreas, o ponto principal do artigo acadêmico será anunciar algum desenvolvimento na metodologia. No entanto, nas Ciências Biomédicas e Exatas, práticas padronizadas e métodos estabelecidos são muito mais comuns. Como resultado, a seção de metodologia nos artigos dessas áreas podem ser muito diferentes (Swales e Feak, 1994: 166). Também na presente pesquisa, mostramos diferenças existentes entre a seção da Metodologia em Lingüística e Nutrição (ver Capítulo 6, item 6.2.2).

- **Resultados**

Nos Resultados, o autor descreve suas descobertas, acompanhadas por comentários variados (Swales e Feak, 1994: 157). Embora se diga que os Resultados devem apenas relatar os dados que foram coletados e que qualquer avaliação ou comentário sobre eles deve ser deixado para a Discussão, pesquisas têm mostrado que a distinção entre Resultados e Discussão não é tão clara assim, como pode ser verificado em Thompson (1993):

My research demonstrates that scientists – in this case biochemists – do not present results only in a factual expository manner; they also employ a variety of rhetorical moves to argue for the validity of scientific facts and knowledge claims. (Thompson, 1993: 126)

O fato de muitos autores incluírem comentários na seção dos Resultados indica que estão conscientes de que seu público pode levantar questões. Dessa forma, tentam "antecipar" o que seus leitores possam estar pensando (Swales e Feak, 1994: 171).

Thompson (1993) investigou a seção dos resultados e identificou seis movimentos retóricos comumente utilizados nesta seção do artigo de pesquisa da área de Bioquímica. O autor concluiu que esta seção é bem mais retórica do que seu título sugere, uma vez que não só relata os resultados da pesquisa, mas também justifica a metodologia adotada e interpreta os dados.

- **Discussão**

A Discussão é a parte do texto onde o autor faz uma exposição cada vez mais generalizada do que foi apresentado no estudo, o que geralmente é feito através de tópicos que retomam algumas questões expostas na Introdução (Swales e Feak, 1994: 157). Se a pesquisa é quantitativa, a seção da Discussão tem como função principal explicar os resultados estatísticos de forma não estatística e fazer afirmações sobre as descobertas do trabalho (West, 1980:487).

Belanger (1982) afirma que "a estrutura da discussão está intimamente ligada ao número e tipo de perguntas de pesquisa apresentadas na introdução do artigo" (Belanger, 1982: 1). Segundo o autor, depois de introduzir a discussão de forma generalizada e antes de concluí-la da mesma forma, o escritor deve *resumir os resultados* e apresentar conclusões com referência a pesquisas anteriores; *mostrar o que a pesquisa sugere*, através do uso de referências a pesquisas anteriores e/ou ao trabalho atual; e *apresentar questões futuras*, com possíveis explicações e com referências.

Alguns autores (McKinlay, 1984; Hopkins, 1985; Peng, 1987; Hopkins e Dudley-Evans, 1988) preocuparam-se em elaborar passos pelos quais a seção da Discussão deve passar. Peng (1987) e Hopkins & Dudley-Evans (1988) oferecem um esquema de 11 passos que diferem apenas em pequenos detalhes. Os mais comuns são os que se seguem:

1. *Informação prévia* – utilizado pelos autores para fortalecer sua discussão através da recapitulação dos principais pontos, ressaltando informações teóricas ou lembrando o leitor de informações técnicas;
2. *Frases de resultado* – correspondem às afirmações feitas pelo escritor a respeito dos resultados encontrados. Segundo Huckin (1987), as afirmações mais fortes do estudo devem vir no primeiro parágrafo da discussão.
3. *Resultados (in)esperados* – é a parte onde o escritor comenta se seus resultados são inesperados ou não.

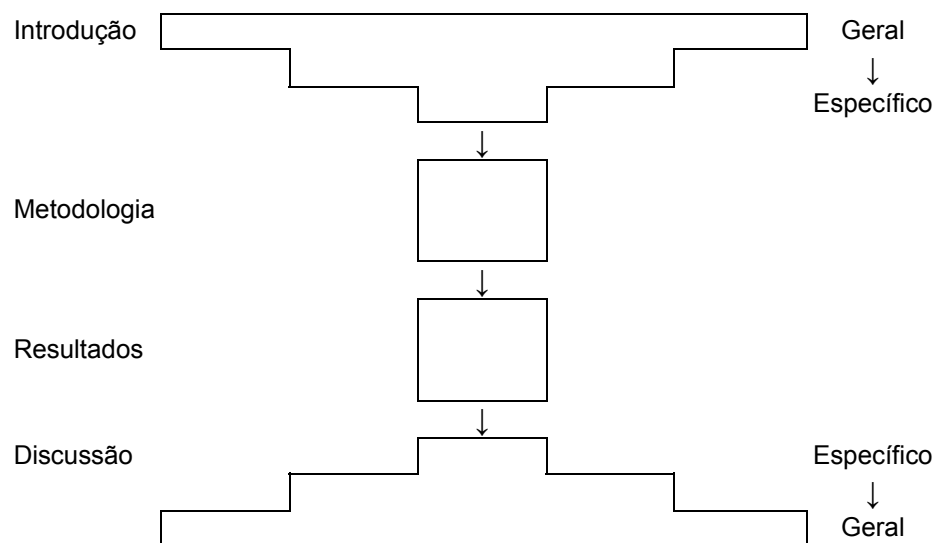
4. *Referência a pesquisas anteriores* – utilizada com o objetivo de comparar as pesquisas anteriores com a atual ou dar suporte à pesquisa que está sendo empreendida.
5. *Explicação* – o autor sugere razões para um resultado não esperado ou um resultado diferente daquele descrito na literatura.
6. *Exemplificação* – utilizada para sustentar uma explicação.
7. *Dedução e Hipótese* – utilizados para o autor fazer afirmações generalizadas sobre alguns ou todos os resultados descritos.
8. *Recomendação* – o autor aponta para a necessidade de se fazer pesquisas futuras ou sugere possíveis pontos a serem investigados posteriormente.

Os trabalhos de Peng (1987) e Hopkins e Dudley-Evans (1988) sustentam a visão de que a Discussão se move numa direção contrária à da Introdução. Enquanto a Introdução parte do geral para o específico, ou seja, da generalização do tópico para os objetivos específicos da pesquisa, a Discussão parte do específico para o geral, isto é, da explicação dos resultados encontrados para a localização dos mesmos dentro de uma literatura estabelecida, até a revisão da sua importância geral.

A estrutura geral dos artigos de pesquisa, então, pode ser representada através da Figura 4.1, a seguir, adaptada de Swales e Feak (1994: 157).

Sabemos que o que foi apresentado sobre as diferentes seções dos artigos acadêmicos de pesquisa são reflexões feitas a partir da língua inglesa, podendo, portanto, haver variações em relação à língua portuguesa e às diferentes áreas de conhecimento. Neste trabalho, no entanto, não nos deteremos na análise da variação estrutural entre seções, áreas e línguas, mas na variação metadiscursiva existente entre elas.

Figura 4.1: Formato geral dos artigos de pesquisa



Observamos, também, que nem sempre podemos analisar os artigos acadêmicos de acordo com o modelo IMRD. Como o próprio Swales (1990: 170) sugere, os limites entre as seções retóricas podem ser fluidos, ou às vezes as seções podem vir combinadas, ou agrupadas, como frequentemente ocorre com as seções dos Resultados e da Discussão. Além disso, em muitos artigos, é comum a seção dos Resultados incluir parte do material apresentado na Discussão e vice-versa. Assim, principalmente no caso das duas últimas seções, a estrutura IMRD nem sempre pode ser aplicada de forma geral.

Outra questão problemática em relação à estrutura IMRD é que o modelo não dá atenção suficiente à variação existente entre as diferentes disciplinas (Vartalla, 2001: 66), embora alguns autores já tenham sugerido que tal variação existe em vários níveis de descrição lingüística (Dillon, 1991; MacDonald, 1992; Kiniry e Rose, 1995). A estrutura IMRD parece ser mais caracteristicamente encontrada em artigos de pesquisa de áreas como medicina, biologia, química, física e, em algum grau, economia, enquanto a aplicação desse modelo em áreas como astronomia, matemática, engenharia, crítica literária, lingüística e outras parece não ser direta (Vartalla, 2001: 66). De fato, nesta pesquisa, foi fácil coletar artigos da área de Ciências Biológicas e Ciências da Saúde que seguissem o modelo IMRD, o que já não ocorreu em Lingüística, Letras e Artes. Os periódicos desta área não costumam apresentar apenas

artigos que relatam experimentos, mas artigos teóricos, resenhas de livros, biografias, entre outros. Além disso, os artigos experimentais, muitas vezes, apresentam seções agrupadas, o que dificultou a coleta de dados para esta pesquisa. No entanto, para este trabalho, selecionamos para análise apenas os artigos que seguiam o formato IMRD.

Apesar desses problemas envolvendo o modelo IMRD, pesquisas que analisam a organização geral do gênero artigo científico têm sido importantes na medida em que mostram as diferenças retóricas existentes entre as diferentes seções do artigo (sejam elas quais forem). Como afirma Swales (1990: 136), as diferentes seções podem apresentar funções retóricas diversas, e diferentes características linguísticas aparecem nas várias seções para realizar tais funções.

4.2

O metadiscorso no discurso acadêmico

O termo *metadiscorso* tem sido utilizado tanto em relação ao discurso oral quanto ao escrito. Neste trabalho, no entanto, nos deteremos apenas no seu uso na interação escrita, uma vez que temos como objeto de estudo o artigo científico de pesquisa.

Metadiscorso foi primeiramente definido por Harris (1959/1970) para se referir às "passagens de um texto que contêm informações de importância secundária" (Harris, 1959/1970: 464-466). Este termo tem sido também caracterizado de forma simples, como "escrita sobre a escrita" (Williams, 1985:226) e "discurso sobre o discurso" (Vande Kopple, 1985:83; Crismore e Farnsworth, 1989:92). No entanto, por ter como base uma visão da escrita como prática social e comunicativa, o metadiscorso oferece uma maneira bastante importante de ver como os escritores se projetam em seus textos para alcançar suas intenções comunicativas (Hyland, 1998b).

Embora o termo não seja usado sempre da mesma forma (Swales, 1990:188), as discussões a respeito do metadiscorso têm sido fortemente influenciadas pela distinção feita por Halliday (1973, 1994) entre as funções textual e interpessoal, em oposição à função ideacional (o significado ou o conteúdo). Halliday define a função textual como uma das funções que permitem a criação de um texto e afirma que "é esse componente que permite ao falante organizar o que está dizendo de tal forma a fazer sentido no

contexto e realizar sua função como uma mensagem" (Halliday, 1973: 66). Quanto à função interpessoal, o autor afirma que esta inclui "por um lado, tudo o que pode ser compreendido através da expressão de nossas próprias personalidades e sentimentos pessoais, e por outro, formas de interação social com outros participantes da situação de comunicação." (Halliday, 1973: 66). Assim, em textos escritos, o metadiscorso pode permitir que os escritores mostrem a seus leitores como as diferentes partes do texto se relacionam e como devem ser interpretadas. O metadiscorso permite, ainda, que os escritores expressem suas atitudes em relação ao conteúdo proposicional do texto e em relação aos seus leitores, podendo ser classificado como metadiscorso textual ou interpessoal (ver Capítulo 4, item 4.2.2).

Uma definição mais abrangente do termo metadiscorso pode ser encontrada em Hyland (2000), referindo-se aos "recursos que os escritores utilizam para organizar explicitamente seus textos, atrair a atenção de seus leitores e indicar sua atitude com relação ao seu material e a seu público" (Hyland, 2000: 104). Alguns autores estreitaram o foco do metadiscorso para características de organização textual (Mauranen, 1993; Valero-Garces, 1996) ou para predicados ilocucionários explícitos (Beauvais, 1989), enquanto outros ampliaram essa visão, pesquisando a maneira como os escritores se revelam e revelam seus propósitos comunicativos.

O metadiscorso é um aspecto da nossa vida cotidiana e caracteriza as formas como nos comunicamos em diferentes gêneros e contextos. Pesquisas têm sugerido sua importância na conversação cotidiana (Schiffrin, 1980), em cartas de alunos de graduação (Arrington e Rose, 1987), em textos escolares (Crismore, 1989), no texto *Origens da Espécie* (*Origins of Species*), de Darwin (Crismore e Farnsworth, 1989), no discurso científico popular e profissional (Crismore e Farnsworth, 1990), em dissertações (Swales, 1990), em artigos acadêmicos de diferentes áreas (Hyland, 1988b) e em livros textos de graduação (Hyland, 2000).

O metadiscorso parece variar em diferentes línguas e gêneros (Mauranen, 1993; Crismore et al., 1993; Valero-Garcez, 1996) e tem se mostrado, ainda, como sendo fundamental para o estudo da escrita em L1 e em L2 (Intaraprawat e Steffensen, 1995; Cheng e Steffensen, 1996) e como um elemento essencial para o discurso persuasivo e argumentativo (Crismore e Farnsworth, 1990; Barton, 1995; Hyland, 1999).

O metadiscorso é, portanto, um elemento essencial da interação escrita por ter o papel de facilitar a comunicação, sustentar a posição do autor e construir uma relação com o público. Não é um recurso estilístico independente utilizado pelos escritores a qualquer momento; faz parte dos contextos em que ocorre e está intimamente ligado às normas e expectativas de comunidades culturais e profissionais específicas. Os significados do metadiscorso só se realizam dentro de um contexto específico, invocando e reforçando esse contexto com relação ao público, ao propósito e à situação.

Por ter como função facilitar a comunicação, sustentar a posição do autor e construir uma relação com o público, considerando o contexto em que o texto está inserido e a cultura da comunidade de leitores, o metadiscorso tem como uma de suas características, então, permitir que o escritor contribua para a construção do sentido do texto escrito e construção de conhecimento em sua área. Considerando, ainda, que o leitor utiliza seu universo de conhecimentos para dar sentido ao que foi escrito, utilizando as marcas lingüísticas, ou itens metadiscursivos, fornecidos pelo escritor, podemos afirmar que escritor e leitor são participantes ativos na comunicação, que constroem juntos o texto, com o auxílio do metadiscorso.

4.2.1 **Esquemas de classificação metadiscursiva**

Vários esquemas de classificação de metadiscorso e metatexto² já foram propostos (Vande Kopple, 1985; Beauvais, 1989; Crismore & Farnsworth, 1989; Nash, 1992; Crismore et al., 1993; Mauranen, 1993; Hyland, 1998b, 2000). Optamos por nos basear na versão de Hyland, (1998b, 2000), adaptando e expandindo seu modelo de acordo com as necessidades deste trabalho. Utilizamos esta versão por apresentar não só a dimensão textual, abordada também pelos demais autores, mas também a interpessoal, ajustando-se melhor ao propósito desta pesquisa, que visa não só estudar as marcas lingüísticas que têm como finalidade a organização textual,

² Conforme mencionado anteriormente (p.61), alguns autores estreitaram o conceito de metadiscorso para características de organização textual, denominando-o de *metatexto*, enquanto outros ampliaram essa visão, pesquisando a maneira como os escritores se revelam e revelam seus propósitos

como as utilizadas pelo autor para se posicionar em relação à mensagem, marcar sua presença no texto e estabelecer uma interação com seu possível leitor.

Segundo Hyland (2000), o **metadiscorso textual** serve para organizar as informações proposicionais de forma coerente e convincente para o leitor. Seu uso depende das relações de conhecimento entre os participantes, bem como da avaliação do escritor sobre as possíveis dificuldades de processamento, necessidades intertextuais e necessidades de orientação interpretativa do leitor. Hyland (2000) divide o metadiscorso textual em cinco categorias: (1) conectivos lógicos; (2) marcadores de enquadramento; (3) marcadores endofóricos; (4) referências de suporte; e (5) esclarecedores de conteúdo, cada uma com funções específicas no discurso.

Os **conectivos lógicos** são basicamente conjunções e locuções adverbiais que têm como função ajudar o leitor a interpretar ligações entre idéias, não estando limitados a contribuir apenas para uma organização sintática. Os **marcadores de enquadramento** sinalizam fronteiras textuais utilizadas para dar sequência (*primeiro, depois, 1, 2, a, b*), marcar estágios no texto (*para concluir, em resumo*), anunciar objetivos discursivos (*meu objetivo é, afirmo que*) e indicar mudança de tópico (*bom, agora*). Eles servem para enquadrar informações sobre elementos do discurso. Os **marcadores endofóricos** são expressões que se referem a outras partes do texto (*abaixo, conforme mencionado acima*) e ajudam o leitor a recuperar os significados do escritor. As **referências de suporte** correspondem às referências feitas a outras fontes (*de acordo com X, 1998*), servindo para guiar a interpretação do leitor. Os **esclarecedores de conteúdo** fornecem informações adicionais, explicando ou expandindo o que foi dito, a fim de assegurar que o leitor é capaz de recuperar o que o escritor pretendia dizer (*em outras palavras, isto é*).

O **metadiscorso interpessoal**, por outro lado, permite que os escritores expressem uma perspectiva com relação a suas proposições e a seus leitores. Hyland (2000) divide-o em cinco categorias: (1) atenuadores; (2) enfatizadores; (3) marcadores de atitude; (4) marcadores relacionais; e (5) marcadores de pessoa, cada uma com suas funções específicas.

comunicativos. Neste trabalho, adotamos o termo *metadiscorso* porque estamos tratando-o de forma mais ampla, abrangendo aspectos textuais e interpessoais.

Os **atenuadores** diminuem o comprometimento do autor com o que está sendo dito (*é possível, talvez*). Os **ênfatizadores** aumentam a força ou certeza do autor na mensagem (*claramente, com certeza*). Os **marcadores de atitude** indicam a atitude afetiva do autor com relação à informação textual, exprimindo surpresa, importância, obrigação, concordância, etc. (*infelizmente, concordo*). Os **marcadores relacionais** são recursos que se dirigem explicitamente ao leitor para focar sua atenção ou incluí-lo como um participante do discurso (*observe que, como podemos verificar*). Os **marcadores de pessoa** referem-se à explicitação da presença do autor no texto, representada pelo uso de pronomes de primeira pessoa e pronomes possessivos.

As categorias de Hyland (2000) podem ser melhor visualizadas na Figura 4.2, a seguir.

Figura 4.2: Esquema de classificação metadiscursiva de Hyland (2000)

Metadiscorso Textual	Conectivos Lógicos Marcadores de Enquadramento Marcadores Endofóricos Referências de Suporte Esclarecedores de Conteúdo Atenuadores Ênfatizadores
Metadiscorso Interpessoal	Marcadores de Atitude Marcadores Relacionais Marcadores de Pessoa

4.2.2

Esquema classificatório proposto

Ao criarmos nossa própria categorização de itens metadiscursivos, consideramos duas questões: (1) as categorias de uma língua não podem simplesmente ser transpostas para outra língua; e (2) o gênero discursivo estudado deve ser considerado. Com relação à primeira questão, Hyland (1998b e 2000) estudou o metadiscorso somente na língua inglesa. Neste trabalho, procuramos buscar as equivalências de sua categorização para a língua portuguesa. Quanto à segunda questão, Hyland utilizou as mesmas categorias metadiscursivas em artigos acadêmicos (1998b) e livros-textos (2000). Por acreditarmos que diferentes gêneros

discursivos possuem características retóricas distintas, procuramos selecionar as categorias mais relacionadas ao gênero artigo acadêmico. Considerando, então, essas questões, bem como a base teórica sociointeracional e contrastiva adotada para este trabalho, reelaboramos o esquema de classificação metadiscursiva de Hyland, revisando algumas categorias e criando outras, a partir das necessidades de nossos dados. Tais categorias podem ser melhor visualizadas na Figura 4.3, a seguir.

Figura 4.3: Esquema de classificação metadiscursiva proposto nesta pesquisa

Metadiscurso Textual	Intratextual	Micro	Conectores Textuais	Conectivos Lógicos Enumeradores Anunciadores Localizadores Focalizadores
			Conectores Informacionais	Topicalizadores Esclarecedores de Conteúdo
		Macro		Marcadores de Ação Marcadores Holísticos Marcadores Ideacionais Seqüenciadores
	Intertextual			Marcadores de Polifonia Marcadores de Contexto
Metadiscurso Interpessoal	Posicionamento			Atenuadores Enfatizadores Marcadores de Atitude
	Diálogo			Marcadores Relacionais
	Presença			Marcadores de Pessoa

Apesar de também dividir o metadiscurso em **textual** e **interpessoal**, o esquema de classificação metadiscursiva aqui proposto difere do apresentado por Hyland, uma vez que faz subdivisões dentro desses dois tipos de metadiscurso, incluindo, no primeiro, o **metadiscurso intratextual**, que se refere ao próprio texto e o **intertextual**, relacionado ao contexto de intertextualidade (ver Capítulo 2, item 2.1.1) e à ligação do texto com outros textos. O metadiscurso intratextual divide-se em **micro** e **macro**, porque pode se referir a partes do texto ou ao texto como um todo. O metadiscurso **intratextual de nível micro**, abrange os **conectores textuais** e os **informacionais**, sendo que os primeiros referem-se aos itens metadiscursivos voltados para a organização do texto, e os últimos, aos itens voltados para a informação ou o conteúdo que é dado no texto.

O **metadiscorso interpessoal** também foi subdividido no esquema proposto, indicando **posicionamento** do autor em relação à informação textual, **diálogo** entre os participantes da interação (escritor e leitor) ou **presença** explícita do escritor no texto.

Quanto às categorias do esquema classificatório de metadiscorso proposto para esta pesquisa, algumas foram mantidas iguais às do modelo de Hyland (2000), tais como os **conectivos lógicos**, **esclarecedores de conteúdo**, **atenuadores**, **ênfatisadores**, **marcadores de atitude**, **marcadores relacionais** e **marcadores de pessoa**.

Outras categorias apresentadas por Hyland (2000) foram desmembradas, uma vez que reuniam diferentes funções metadiscursivas. Foi criada uma nova nomenclatura para cada uma delas, de acordo com a função que exerciam no discurso. Por exemplo, os **marcadores de enquadramento** foram desmembrados em **enumeradores**, **anunciadores**, **focalizadores** e **marcadores de ação**. Os **marcadores endofóricos** foram desmembrados em **localizadores** e **marcadores holísticos**. (ver Capítulo 4, item 4.2.2.1).

Uma categoria também desmembrada, não só devido às diferentes funções que exerce no discurso, mas também para dar conta do caráter sociointeracional desta pesquisa, foi a das **referências de suporte**, chamada aqui de **marcadores de polifonia** e **marcadores de contexto**.

Foram criadas, ainda, algumas categorias que não fazem parte do esquema de classificação metadiscursiva de Hyland (2000), uma vez que consideramos que os itens dessas categorias também possuem função metadiscursiva. Entre as categorias criadas neste trabalho, encontram-se: **topicalizadores**, **marcadores ideacionais** e **seqüenciadores**.

A seguir, será apresentado o esquema de classificação metadiscursiva proposto para esta pesquisa, com detalhes e exemplos das categorias acima mencionadas.

4.2.2.1 Metadiscurso textual

Vimos no item anterior deste capítulo (4.2.2) que, no esquema de classificação metadiscursiva proposto para esta pesquisa, o **metadiscurso textual** foi dividido em **intratextual** e **intertextual**, caracterizando, assim, os itens que remetem ao próprio texto e os que remetem a outros textos, respectivamente. Vimos também que o **metadiscurso intratextual** foi subdividido, podendo atuar em um **nível micro**, ou seja, referindo-se a pequenas partes do texto, com o propósito de organizá-lo explicitamente (**conectores textuais**) ou fornecer informações ao leitor (**conectores informacionais**), ou em um **nível macro**, isto é, referindo-se ao texto como um todo.

Os **conectores textuais** subdividem-se nas seguintes categorias: **conectivos lógicos**, **enumeradores**, **anunciadores**, **localizadores** e **focalizadores**.

Os **conectivos lógicos** têm a função ajudar o leitor a interpretar conexões pragmáticas entre idéias, sinalizando relações de diferentes tipos: adição, contraste, consequência, resultado e tempo (*e / mas / conseqüentemente / portanto / enquanto ...*). Nossa análise, porém, precisou ser extremamente cuidadosa, uma vez que um mesmo item metadiscursivo pode contribuir apenas para uma coordenação sintática no texto, em vez de ligar idéias. É o caso do item *e*, que só foi considerado na pesquisa quando ligava orações (*Eles riem e Gioconda vai para frente.*) ou períodos (*Nada mais o atingia. E raramente consultava o relógio.*), sendo, portanto, desconsiderado quando ligava simples elementos de composição de uma palavra (*leva-e-traz*), palavras (*vinte e dois*) ou sintagmas (*As questões de higiene pública, de conforto e de segurança ...*) (Neves, 2000, pp.740-741). Do mesmo modo, o item *ou* só foi considerado quando fazia uma alternância entre orações (*Ele dará um tiro nele ou ele dará um tiro em mim.*) ou enunciados (*Ana sempre foi assim distraída. Ou, quem sabe, ...*), sendo desconsiderado quando alternava palavras (*exterioridade ou preocupação*), ou sintagmas do mesmo estatuto sintático – nominal (*a maneira ou o jeito de dizer alguma coisa*), de valor adjetivo (*caro ou barato*), verbal (*renegar ou derrubar*) ou de valor adverbial (*durante o expediente ou em minha casa*) (Neves, 2000: 772-774).

Os **enumeradores** são palavras, expressões, números ou letras utilizados com o propósito de dar seqüência às idéias do autor (*primeiro/segundo/depois / 1, 2 / a, b, c ...*).

Os **anunciadores** são itens metadiscursivos cuja função é anunciar mudança de tópico (*Bem / Agora*) ou o que será visto posteriormente (*Como veremos a seguir, ...*).

Os **localizadores** têm o objetivo de localizar em que parte do texto está uma informação, conectando, assim, idéias anteriores a idéias posteriores, ou recuperando uma informação já vista anteriormente (*acima / abaixo / na Tabela X / Fig. Y, como visto anteriormente, ...*).

Os **focalizadores** correspondem, nesta pesquisa, aos itens que têm como função reduzir o foco do que está sendo dito pelo autor (*Mais especificamente, consideramos ...*).

Os **conectores informacionais** subdividem-se em **topicalizadores** e **esclarecedores de conteúdo**. Os primeiros referem-se aos itens metadiscursivos cuja função é introduzir um tópico (*Quanto a / No que diz respeito a / Considerando, ...*); enquanto os últimos têm como função definir, explicar ou expandir o que foi dito (*i.e. / por exemplo / ou seja, ...*).

No **nível macro do metadiscurso intratextual**, consideramos os **marcadores de ação**, os **marcadores holísticos**, os **marcadores ideacionais** e os **seqüenciadores**. Os **marcadores de ação** têm como objetivo especificar o ato de fala desempenhado pelo autor e/ou anunciar objetivos discursivos (*Resumindo / Para concluir / Meu objetivo é ... / Proponho aqui ... / Afirmo que ...*). Os **marcadores holísticos** referem-se ao texto como um todo (*Neste trabalho / Neste estudo / Nesta pesquisa, ...*); os **marcadores ideacionais** têm a função de organizar blocos de idéias (*Com relação a todas essas questões, ...*); e os **seqüenciadores** são títulos e subtítulos que marcam as diferentes partes do texto, organizando, assim, o pensamento do leitor com relação ao texto como um todo.

Quanto ao **metadiscurso intertextual**, consideramos dois tipos de marcadores: o **de polifonia** e o **de contexto**. Como vimos anteriormente (Capítulo 4, item 4.2.2), Hyland (2000) considerou esses dois marcadores como uma única

categoria, denominada de **referências de suporte**. Esta pesquisa, porém, por adotar uma perspectiva sociointeracional de linguagem, baseando-se nas noções bakhtinianas de 'vozes', 'polifonia', 'dialogismo' e 'intertextualidade' e considerando que a interação se dá dentro de um contexto sócio-histórico (ver Capítulo 2, item 2.1), tornou necessária a divisão desta única categoria em duas.

O marcador de polifonia refere-se às outras 'vozes' (Bakhtin, 1992) que atravessam o texto (*De acordo com X / Segundo Y, ...*) e o marcador de contexto situa o leitor em um contexto sócio-histórico (*1990 / 2001, ...*). Ambos são "representações metalingüísticas de uma idéia advinda de outra fonte" (Thomas e Hawes, 1994:129, em Hyland, 2000). Estes marcadores servem para estabelecer o domínio que o autor possui da literatura que envolve o assunto de seu texto e apresentam explicitamente quem é o responsável por uma determinada posição, sendo, assim, apresentados na forma de citação (*De acordo com X, .../1990*). As citações feitas a outros autores podem ser utilizadas com diferentes propósitos: demonstrar respeito a trabalhos anteriores; reproduzir o pensamento de um autor, tornando-o atual; provar que um autor faz parte de uma comunidade científica, demonstrando familiaridade com a área; dar maior autoridade às frases do autor, funcionando, assim, como ferramenta de persuasão; e criar um espaço de pesquisa para o autor que faz a citação, uma vez que, ao descrever o que já foi feito, a citação mostra o que ainda não foi feito e, assim, prepara o espaço para uma nova pesquisa (Swales e Feak, 1994: 180-181).

4.2.2.2 Metadiscurso interpessoal

Até o presente momento foram vistas as categorias pertencentes ao metadiscurso textual, que, como mencionado anteriormente (ver Capítulo 4, item 4.2.2.1), tem como função organizar as informações proposicionais de forma coerente e convincente para o leitor. Passemos, agora, para o **metadiscurso interpessoal**, que permite aos escritores expressar uma perspectiva com relação a suas proposições e a seus leitores.

No modelo aqui proposto, o **metadiscurso interpessoal** se subdivide em três tipos: (1) os que marcam o **posicionamento** do autor em relação à informação

textual, permitindo, assim, que o leitor também se posicione diante dela; (2) os que marcam o **diálogo** entre os participantes da interação, ou seja, entre escritor e leitor; e (3) os que marcam a **presença** explícita do autor no texto.

Os **marcadores de posicionamento** correspondem aos **atenuadores**, **ênfaticadores** e **marcadores de atitude**.

Os **atenuadores** são palavras ou expressões que têm como objetivo principal atenuar o comprometimento total do autor com os enunciados. Abrangem palavras ou expressões cuja função é diminuir a força de um verbo (*quase / meramente / só / parcialmente*) e marcadores de probabilidade ou incerteza (*cerca de / quase / talvez*) (Biber, 1988). Ao atenuar seu comprometimento com a informação textual, o autor abre espaço para o leitor também se posicionar, concordando ou discordando de suas idéias.

Os **ênfaticadores** são palavras ou expressões que têm como objetivo enfatizar a força ou certeza do autor na mensagem e englobam as palavras ou expressões que têm como função aumentar a força de um verbo (*completamente/extremamente/muito*) e marcadores de certeza (*é obvio / certamente*). Os ênfaticadores são utilizados para indicar a confiabilidade das proposições (Chafe, 1985, em Biber, 1988) e marcam certeza ou convicção em relação ao que está sendo dito.

Os **marcadores de atitude** indicam a atitude afetiva do autor com relação à informação textual, expressando surpresa, importância, obrigação, concordância, etc. (*curiosamente / concordo / felizmente*). Ao utilizar esse recurso retórico, o escritor procura levar o leitor a assumir a mesma atitude afetiva que ele.

Os **marcadores de diálogo** com o leitor referem-se ao que Hyland (2000) denominou de **marcadores relacionais**, isto é, aos recursos que o autor utiliza para se dirigir explicitamente ao leitor, com o objetivo de focar sua atenção (*A propósito, ... / Note que ...*) ou incluí-lo como um participante do discurso (*nós / vejamos* - incluindo o leitor).

Os **marcadores de presença** referem-se aos **marcadores de pessoa** (Hyland, 2000), ou seja, pronomes pessoais e possessivos de primeira pessoa, utilizados pelo autor para explicitar sua presença no texto (*Eu / meu / nosso / nós*) e, assim,

estabelecer uma relação mais próxima com o leitor. Quanto mais freqüentes esses marcadores, mais explícito o autor se apresenta.

A seguir, será apresentado a Figura 4.4, com exemplos das 18 categorias metadiscursivas presentes no modelo aqui proposto, bem como as fontes que serviram como base para se chegar a tais categorias.

As categorias metadiscursivas exemplificadas na Figura 4.4 foram utilizadas na análise dos textos selecionados, em inglês e português, e serviram de base para a investigação da variação intercultural, interdisciplinar e retórica nos artigos de pesquisa.

Figura 4.4: Categorias metadiscursivas, exemplos e fontes

CATEGORIAS	EXEMPLOS	FONTES
Conectivos Lógicos	e, mas, porém, conseqüentemente, although, also, however	Vande Kopple (1985); Crismore e Farnsworth (1989); Crismore et al. (1993); Hyland (1998b, 2000)
Enumeradores	1, 2, 3; a, b, c; em primeiro lugar, em segundo lugar, first, second, then, finally	Vande Kopple (1985); Crismore e Farnsworth (1989); Hyland (1998b, 2000)
Anunciadores	nesta seção, agora, como veremos a seguir, well, in this chapter	Vande Kopple (1985); Hyland (1998b, 2000)
Localizadores	acima, abaixo, como visto anteriormente, Figura X, Table Y, further	Vande Kopple (1985); Crismore e Farnsworth (1989); Hyland (1998b, 2000)
Focalizadores	mais especificamente, to look more closely	Hyland (1998b, 2000)
Topicalizadores	considerando, de acordo com, as to, regarding	Vande Kopple (1985); * ³
Esclarecedores de Conteúdo	isto é, ou seja, for example, such as	Vande Kopple (1985); Crismore e Farnsworth (1989); Crismore et al. (1993); Hyland (1998b, 2000)
Marcadores de Ação	meu objetivo é, concluindo, afirmo que, in sum, the aim	Vande Kopple (1985); Crismore e Farnsworth (1989); Crismore et al. (1993); Hyland (1998b, 2000)
Marcadores Holísticos	nesta pesquisa, o estudo, in this work, as a whole	Hyland (1998b, 2000)
Marcadores Ideacionais	com relação a todas estas questões	*
Seqüenciadores	Introdução, Discussão, Materials and methods, Materials, Milk samples (títulos e subtítulos)	*
Marcadores de Polifonia	segundo X, Z (nome de autor), according to N	Vande Kopple (1985); Crismore e Farnsworth (1989); Bakhtin (1988; 1992); Crismore et al. (1993); Hyland (1998b; 2000)
Marcadores de Contexto	1990, p.15, [3]	Bakhtin (1988; 1992); Hyland (1998b; 2000)
Atenuadores	cerca de, talvez, meramente, só, almost, could, probably, about	Vande Kopple (1985); Biber (1988); Crismore e Farnsworth (1989); Crismore et al (1993); Oliveira (1997); Hyland (1998b, 2000);
Enfatizadores	muito, é óbvio, extremamente, completely, clearly, certainly	Biber (1988); Crismore e Farnsworth (1989); Crismore et al. (1993); Oliveira (1997); Hyland (1998b, 2000);
Marcadores de Atitude	concordo, felizmente, curiously, unfortunately	Vande Kopple (1985); Crismore e Farnsworth (1989); Crismore et al. (1993); Hyland (1998b, 2000)
Marcadores Relacionais	observe, vejamos, note that, by the way	Vande Kopple (1985); Crismore e Farnsworth (1989); Crismore et al. (1993); Hyland (1998b, 2000)
Marcadores de Pessoa	eu, meu, nós, nosso, I, we, my, our	Biber (1988); Oliveira (1997); Hyland (1998b, 2000)

³ As categorias que apresentam asterisco foram criadas nesta pesquisa.